

A BELÉM DA *BELLE ÉPOQUE* E OS ROTEIROS GEO-TURÍSTICOS COMO INSTRUMENTOS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

BARROS, Magaly Caldas¹; SERRA, Hugo Hage²

Recebido (*Received*): 13/06/2017 Aceito (*Accepted*): 14/12/2017

Resumo

Este trabalho tem como objetivo central evidenciar a importância dos roteiros geo-turísticos na cidade de Belém do Pará, apresentando o tema *Belle Époque* como central no processo de Educação patrimonial da cidade. A *Belle Époque* se constituiu como um processo de reurbanização de Belém do Pará, aos moldes do que representara a cidade de Paris – referência de urbanização do final do século XIX e início do século XX. A construção de prédios foi um dos legados deixados na cidade de Belém e que perduram até o atual momento, representados por autênticas rugosidades espaciais. Os roteiros geo-turísticos, por sua vez, retomam a importância da *Belle Époque* por meio do reconhecimento geográfico, histórico, cultural, simbólico e da arquitetura que aquela época representou naquele momento. Foram utilizados referenciais teóricos acerca da *Belle Époque* e Educação patrimonial. Além disso, a aplicação dos roteiros geo-turísticos no centro de Belém, bem como os registros históricos, imagéticos, de cartografia e levantamento de informações junto a órgãos responsáveis, foram sintetizados para este trabalho.

Palavras-chave: Roteiros geo-turísticos. *Belle Époque*. Educação patrimonial. Belém.

THE BELÉM OF *BELLE ÉPOQUE* AND THE GEOTOURISTIC ROUTES AS INSTRUMENTS OF PATRIMONIAL EDUCATION

Abstract

The main objective of this work is to point out the importance of the geotouristic routes in Belém, the capital of Pará, presenting the *Belle Époque* as central theme in the Patrimonial Education process of the city. The *Belle Époque* was constituted as an urban redevelopment process in Belém, following the molds of what the city of Paris represented back then (an urbanization reference from the end of the nineteenth and the beginning of twentieth century). The construction of buildings was one of the legacies left in the city of Belém and that lasts until nowadays, represented by authentic spatial rugosities. The geotouristic routes reestablish the *Belle Époque* importance through the geographical, historical, cultural, symbolic and architectural recognition of what that era represented at that moment. Theoretical references about the *Belle Époque* and patrimonial education were applied. Besides that, the application of the geotouristic routes in the center of Belém, as well as historical records, imagery elements, mapping, and the gathering of information with the responsible agencies were synthesized for this work. **Keywords:** Geotourist routes. *Belle Époque*. Patrimonial Education. Belém.

Keywords: Geotouristic routes. *Belle Époque*. Patrimonial Education. Belém

LA BELÉM DE LA *BELLE ÉPOQUE* Y LAS RUTAS GEO-TURÍSTICAS COMO INSTRUMENTOS DE EDUCACIÓN PATRIMONIAL

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo central mostrar la importancia de las rutas geo-turísticas en la ciudad de Belém do Pará, presentando el tema de la *Belle Époque* como central en el proceso de educación patrimonial de la ciudad. La *Belle Époque* se constituyó como un proceso de reurbanización de Belém do Pará, según de lo que representara la ciudad de París –referencia de urbanización de final del siglo XIX e inicio del siglo XX. La construcción de edificios fue uno de los legados dejados en la ciudad de Belém y que perduran hasta el momento, representados por autênticas rugosidades espaciales. Las rutas geo-turísticas, a su vez, retoman la importancia de la *Belle Époque* por medio del reconocimiento geográfico, histórico, cultural, simbólico y de la

¹Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Pará. Contato: magalycaldasb@gmail.com.

²Professor de Geografia Regional da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Membro do Laboratório de Estudos Regionais e Agrários do Sul e Sudeste do Pará -Lerassp/ Unifesspa. Contato: hugorhserra@gmail.com.

arquitectura que aquella época representó en aquel momento. Fueron utilizados referenciales teóricos acerca de la *Belle Époque* y Educación Patrimonial. Además, la aplicación de rutas geo-turísticas en el centro de Belém y los registros históricos, imagéticos, de cartografía y levantamiento de informaciones junto a los organismos responsables fueron sintetizados para este trabajo.

Palabras claves: rutas geo-turísticas. *Belle Époque*. Educación Patrimonial. Belém.

1. Introdução

Na virada do século XIX para o século XX a cidade de Belém do Pará experimentou um processo de embelezamento da cidade, no qual a reprodução do modo de vida europeu – sobretudo o de Paris – tornou-se o ponto de referência central e que impactaria, qualificadamente, o espaço urbano daquela época.

Dentre esses impactos, o patrimônio erguido foi o mais marcante, ainda que não tenha sido o único. Entre os bulevares e prédios, o modo de viver na cidade também passaria por mudanças. No entanto, a paisagem de Belém fora modificada, sendo aquele momento um verdadeiro paradigma na urbanização de uma das mais importantes cidades da Amazônia.

Tal como falava Santos (2004, p. 14), o passado sempre participa da vida atual “como forma indispensável à realização social”. Por esses meios, a realidade da *Belle Époque* em Belém do Pará não se circunscreve isoladamente e hermeticamente a um período. A paisagem construída naquele período, ainda hoje, nos revela uma maneira de perceber Belém como um espaço em que o tempo é acumulado de forma desigual (SANTOS, 2004) e reapropriado de acordo com os objetivos dos agentes que vivem nele.

Uma das possibilidades de conservar o patrimônio erguido na *Belle Époque* na atualidade ocorre por meio do que se convencionou chamar educação patrimonial. Por meio dela, a ideia é fazer com que as pessoas, principalmente os cidadãos residentes em espaços de alta representatividade para o patrimônio, reconheçam o passado como elemento integrante do presente sem destruí-lo ou desmerecê-lo. Para tanto, diversas são as ferramentas utilizadas para que esse procedimento se torne viável, sendo um delas o processo de patrimonialização, ou seja, o patrimônio sai da esfera do material ou monumentalista e passa a incorporar a dimensão cultural que os objetos pretéritos possuem (PAES, 2009; NIGRO, 2009). A patrimonialização, por sua vez, pode ser efetivada com ou sem a iniciativa dos governos em diferentes esferas da gestão.

Como o processo de valorização do patrimônio não se limita a operacionalidade do Estado para acontecer, outras instituições tentam imprimir um ritmo não atrelado à

burocracia governamental, vindo a se constituir uma alternativa. Nesse sentido, dada a significativa importância que a *Belle Époque* teve em Belém do Pará, a Universidade Federal do Pará, por meio do Grupo de Estudos em Geografia do Turismo (Ggeotur) tem implementado os roteiros geo-turísticos pelo Centro Histórico de Belém. A partir desse contexto, a ideia central dos roteiros é reconsiderar o patrimônio histórico de Belém como ferramenta de educação patrimonial para os turistas da cidade ou não, fazendo com que a conservação dos prédios seja fundamentada por meio do conhecimento da história dos monumentos e da cultura praticada em torno deles. Os roteiros-geoturísticos se baseiam na prática do turismo de base local (RODRIGUES, 2003), onde o crescimento econômico não necessariamente é a estrutura central da prática turística.

Como a *Belle Époque* deixou marcas substantivas na cidade, o processo conhecido como rugosidade espacial, tal como afirma Santos (1988) é um elemento central na formalização e execução dos roteiros geo-turísticos da *Belle Époque*. Para Santos (1988), a rugosidade espacial é uma marca na paisagem que atravessa os tempos. Uma rugosidade, segundo o autor perdura no presente, mantendo parcial ou integralmente as formas do passado, podendo isso se repetir no que se refere ao seu conteúdo, também. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo central evidenciar a importância dos roteiros geo-turísticos como instrumento da educação patrimonial para uma cidade como Belém do Pará, quadricentenária (SERRA, TAVARES, 2016) e expoente de um dos momentos importantes no processo de urbanização da Amazônia, relacionado à exploração da borracha entre os séculos XIX e XX.

Em Belém, o roteiro da *Belle Époque* ocorre em onze pontos conforme o que se vê no mapa da figura 1:



FIGURA 1: mapa do recorte espacial do Roteiro Geo-turístico da *Belle Époque*.

Notadamente, o roteiro geo-turístico da *Belle Époque* se desenvolve na área central de Belém-do-Pará. Essa área é uma das mais antigas referente ao seu processo de ocupação urbana. Essa é a área da cidade que é também reconhecida por concentrar boa parte do setor de comércio e serviços da capital paraense, o que demarca, por sua vez, um maior fluxo de pessoas e mercadorias da cidade.

Por fim, para dar exequibilidade a este trabalho, este texto, além desta introdução e posterior conclusão, está dividido em três seções. A primeira delas sintetiza o que foi a Belle Époque, destaca-se, sobretudo, seus principais aspectos da urbanização de Belém do Pará daquela época. Em um segundo momento, discute-se a educação patrimonial como um ponto importante para a compreensão dos roteiros geo-turísticos. E, por fim, a última seção apresenta uma breve exposição dos principais corredores do roteiro geo-turístico da *Belle Époque*, mostra-se como tais construções foram e ainda são importantes na urbanização de Belém, resistindo ou se refazendo em suas formas-conteúdo.

2. A Belle Époque e o novo modelo de urbanização em Belém do Pará

Antes mesmo de se debruçar sobre o que representou a *Belle Époque* em uma cidade como Belém do Pará, sobretudo, no contexto em que ela se deu, torna-se importante compreender o processo de urbanização daquela época a partir do significado de modernidade. Tal princípio, estruturalmente, simbolizou e se tornou sinônimo de mudança, tendo a cidade como reflexo ou produto direto desse entendimento. Ao mesmo tempo, era uma filosofia de vida, empreendida pelos governantes e demais agentes da elite belenense, entusiasta e desejosa por imprimir um ritmo de vida bem diferente do que a cidade vivera desde a chegada da esquadra de Francisco Caldeira Castelo Branco, em 1616.

Berman (2003) se preocupa com o processo de modernização por qual passa a humanidade em torno de 500 anos. Segundo ele, a modernidade pode ser compreendida como um constante ‘vir a ser’, o que marca, de forma bem nítida, a diferença entre o antigo e o novo, sendo este último uma marca de novos valores sociais que se espalham em diversas esferas da sociedade, causando o que Harvey (2014) afirma ser o mito da ruptura radical.

Ainda para Berman (2003), poderíamos distinguir a modernidade – grosso modo – em três fases. A primeira delas – século XVI ao fim do século XVIII, a sociedade como um todo começa a dar os primeiros passos de modernidade sem, no entanto, ter a noção de como isso afeta as vidas das pessoas. A segunda fase tem um marco histórico importante, qual seja a Revolução Francesa, 1790. Nesse momento, a ideia de ruptura fica mais nítida entre as pessoas e consegue ter uma difusão de valores mais proeminente do que no passado. Mas, como diria o autor, ainda há uma tensão nos modos de vidas das pessoas, pois elas experimentam o novo e o velho ao mesmo tempo. A terceira fase eclode com a Revolução Industrial no século XIX. Nesse momento, sobretudo na Europa, o ‘encolhimento’ do mundo parece ser um caminho sem volta, onde: “um mercado mundial que a tudo abarca, em crescente expansão, capaz de estarrecedor desperdício e devastação, capaz de tudo exceto solidez e estabilidade” (BERMAN, 2003, p. 19).

O ponto alto desse período se deve, por sua vez, àquela que operou essa mudança, qual seja a burguesia europeia, em que, rapidamente, revolucionara os lugares por meio da produção em larga escala. Ao mesmo tempo, nesse turbilhão de mudanças, há a necessidade de imprimir valores sem os quais as mudanças feitas não seriam garantidas. É justamente nesse terceiro momento do qual falava Berman (2003) que a cidade de Belém do Pará tenta imprimir um ritmo de vida moderno, tendo, ao menos, na paisagem da cidade, uma forma

de espelhar o que poderia vir a ser uma mudança no comportamento de seus cidadãos, desincorporando antigos valores e incorporando novos (BECK, 2012).

Já no século XIX, Belém já era considerada um importante centro urbano de referência regional, refletindo, por sua vez, importante papel na rede urbana amazônica, bem distinta do restante do território brasileiro, ainda não integrado naquele momento. Os efeitos do *boom* da borracha resultaram, em grande medida, em aprimoramentos estético-urbanos e de infraestrutura nas duas cidades mais importantes da região: Manaus e Belém. Segundo Correa (2006), tanto o capital privado como o Estado investiram maciçamente nas maiores cidades, sendo este resultando, em grande parte do processo de aviamento e da concentração do poder político nesses espaços:

As duas cidades, locais de residência de poderosos seringalistas-aviadores, e sedes do grande comércio “aviador” e de exportação, deveriam espelhar, através de uma nova paisagem e infra-estrutura, o poder e a pujança econômicos daqueles que, à custa do enorme sacrifício e espoliação dos seringueiros isolados em suas “barracas” na floresta, rápida e fugazmente tornaram-se ricos. O Teatro da Paz, em Belém, e, especialmente, o majestoso Teatro de Manaus, simbolizam o poderio da elite gerada pelo comércio da borracha (CORREA, 2006, p. 216).

Ao se comparar a outras cidades brasileiras da época, Belém já possuía um número expressivo de manufaturas (SARGES, 2002). Esse exemplo de expressão econômica se tornou um impulso para a modernização da capital paraense, que precisaria refletir a riqueza daquele momento na paisagem urbana da cidade:

(...) a cidade procurou se modernizar, como que estivesse se preparando para ser o porto de escoamento da produção da borracha que, em dado momento, assumiu o segundo lugar da pauta de exportação brasileira. Enriquecendo graças à borracha, muitos grupos exigiam essa modernização, sobretudo porque era na cidade que moravam os seringalistas, comerciantes e financistas (SARGES, 2002, p. 29).

Sarges (2002, p. 152), ainda, sintetiza o significado dessa mudança na capital paraense da seguinte forma:

Entendemos que a ação dinamizadora do “embelezamento do visual da cidade” estava associada à economia, à demografia, mas também aos valores estéticos de uma classe social em ascensão (seringalistas, comerciantes, fazendeiros) e às necessidades de se dar a determinados segmentos da população da cidade segurança e acomodação, além da colocação em prática da ideia positivista de progresso enfatizada pelo novo regime republicano.

O responsável pela condução na mudança da estrutura urbana de Belém daquela época fora Antonio Lemos, intendente de Belém que governou Belém entre os anos de 1907 a 1910. Subjacente à ideia de reestruturação urbana por qual Belém deveria passar, segundo Sarges (2002), havia uma política higienista, da qual a população da cidade deveria seguir como referência. ‘Bons hábitos e costumes’ não poderiam estar em dissonância com o momento de riqueza e prosperidade por qual passava Belém:

Como qualquer cidade brasileira, Belém tinha na insalubridade o problema mais grave, e combatê-la era condição *sine qua non* na materialização do projeto de embelezamento da cidade. Para isso, impunha-se a ordenação do espaço urbano através do disciplinamento dos hábitos da população, do emprego de mecanismos de controle como a Fiscalização, a Polícia Municipal e as Leis e Posturas Municipais, tudo em nome do interesse coletivo (SARGES, 2002, p. 160).

Um dos exemplos de reestruturação urbana daquela época é a Avenida Castilhos França, conforme se vê na figura 2. Um dos seus pontos altos é a Praça dos Estivadores, que representa uma típica urbanização modernista do início do século XX:



FIGURA 2: Foto da praça dos estivadores/ Av. Boulevard Castilho França. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com>. Acesso em 2 de fevereiro de 2017.

Na tentativa de deixar Belém com ares modernos, Antonio Lemos tentou implantar um tipo de ordem social para representar uma cidade que, à época, respondia, consideravelmente, pela exportação de produtos para a Europa, sendo a borracha o expoente

desse processo. Na prática, ele estava assegurando um papel importante da cidade na divisão internacional do trabalho.

Por outro lado, a riqueza de detalhes dos prédios públicos e em alguns prédios de uso privado localizados em Belém implantados no século XIX, fez erigir um sentimento de preservação do passado, sob a insígnia de preservação e conservação do patrimônio de Belém. Tal situação só se efetivou porque, com o passar dos anos, o que fora construído estava ameaçado por não haver um cuidado específico com o passado. Eis, portanto, que a noção de Educação patrimonial surge como ferramenta para legitimar o passado no presente. Revela-se, assim, os contrastes e situações típicas do processo de urbanização da *Belle Époque* em Belém do Pará.

3. Patrimônio e Educação patrimonial

Antes de qualquer apontamento, é necessário esclarecer o conceito de patrimônio abordado neste trabalho, diferenciando-se da noção de ‘histórico’ e ‘monumento’. Patrimônio histórico, para Choay (2001), indica um bem de uma dada comunidade, construído pela acumulação de tempos de uma diversidade de objetos que se encontram num passado comum (CHOAY, 2001). Patrimônio se diferencia de monumento, entendido como “uma criação deliberada (...) cuja destinação foi pensada *a priori*, de forma imediata” (CHOAY, 2001, p. 25), que, por sua vez, diferencia-se de monumento histórico, cuja constituição se dá “a posteriori pelos olhares convergentes do historiador e do amante da arte” (CHOAY, 2001, p.25) que elegem monumentos representantes de apenas uma parcela da história.

Falar em educação patrimonial tem sido cada vez mais recorrente entre aqueles que se põe a discutir o patrimônio e turismo, especialmente no campo das políticas voltadas à sua preservação, onde temas da educação têm ganhado espaço juntamente com questões ligadas ao patrimônio cultural.

De acordo com o documento “Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos”, elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan), Educação patrimonial

constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas

manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. (IPHAN, 2014, p.19)

O documento anterior ressalta, também, que entende os processos educativos prioritários ao diálogo entre os agentes culturais e sociais na formação “coletiva e democrática do conhecimento”, além de compreender como fundamental a participação efetiva das comunidades que são referências culturais (IPHAN, 2014).

Segundo Horta; Grunberg; Monteiro (1999, p. 06) educação patrimonial é

um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 06).

Tal proposta presume o discurso interdisciplinar onde a importância da preservação, aliada à cidadania, desenvolve posturas que não se limitam a pensar apenas o patrimônio, mas a sociedade, gerando posicionamentos em defesa da memória coletiva.

Nesse sentido, conhecer o patrimônio e refletir criticamente sobre seus usos são elementos fundamentais para o fortalecimento da identidade e cidadania de uma comunidade, bem como para o processo de preservação dos bens (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999). Ainda para os autores, educação patrimonial “é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 06). Este processo implica num diálogo permanente entre as comunidades e os agentes responsáveis pelas ações educacionais, reconhecendo, dessa forma, o legado de gerações passadas.

Princípios ligados à educação patrimonial fazem parte da educação enquanto um processo de construção num sentido transversal, já que permeiam várias áreas e conteúdos no que tange ao ensino dentro e fora do ambiente acadêmico, mesmo que as referências relacionadas à educação patrimonial apareçam de forma não muito clara, proporcionando um entendimento pela experiência individual e coletiva que se desenvolve na relação entre patrimônio e sua respectiva comunidade. De acordo com Horta (1991):

A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA, 1991, p. 3)

Essa forma de interação com as “evidências e manifestações da cultura” caracterizam uma espécie de método de investigação semelhante aos métodos científicos capazes de estimular os agentes do processo educacional (alunos e professores), desenvolvendo, assim, habilidades de observação, crítica, comparação e dedução, além da criação de teorias e de soluções (HORTA 1991). O ambiente acadêmico possibilita a realização de diversas formas de conhecimento. Utilizar a experiência de vida de alunos e professores na educação é sintomática quando relacionamos à identificação do patrimônio que os cercam e, por conseguinte, na educação patrimonial da comunidade.

Admitindo que aprender está para além de conceituar e reproduzir noções por vezes engessadas pelos sistemas educativos tradicionais, pode-se inferir que a educação patrimonial busca construir o conhecimento acerca da cultura de uma comunidade por seus próprios habitantes, uma vez que, ao reconhecer sua cultura, os habitantes são capazes de se identificar com ela. Assim, preservá-la e dar continuidade se torna uma consequência positiva no cotidiano da comunidade.

Para Horta; Grunberg; Monteiro (1999, p. 4) a educação patrimonial é entendida como um instrumento de “alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido”. Tal processo provoca a valorização da cultura por parte dos indivíduos, pois a comunidade passa a compreender sua cultura numa dimensão plural em que todos os indivíduos são incorporados à condição de agentes estruturantes e estruturadores de sua cultura. Perceber a educação patrimonial como instrumento de educação deixa clara a importância do diálogo com a comunidade:

O diálogo permanente que está implícito neste processo educacional estimula e facilita a comunicação e a interação entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e estudo dos bens culturais, possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e valorização desses bens. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4).

Silva e Ávila (2016) expressam que o sentido de educação patrimonial está além da preservação dos objetos e coisas que cercam os olhares e, por sua vez, configuram a

paisagem. Para os autores, a educação patrimonial se vincula às pessoas, seus hábitos, costumes, histórias e expressões. Nesse sentido, o que, geralmente, nos é apresentado no atual contexto em formas múltiplas é resultado de como as pessoas – organizadas coletivamente ou individualmente – construíram seus lugares, deixando marcas expressivas e que perduraram nos tempos atuais. Inevitavelmente, antes de qualquer julgamento ou avaliação, o sentido de educação patrimonial, em tese, perpassa pelo reconhecimento do passado, ou, dito de outra forma, pelo reconhecimento do *modus operandi* do que já foi realizado.

As cidades que possuem notável reconhecimento patrimonial constituem o que se pode chamar de acervo vivo, sendo as formas espaciais autênticas representações das formas-conteúdo (SANTOS, 1988). Pela sua importância estratégica no território brasileiro, em sua porção setentrional, Belém é representativa de objetos espaciais do passado que servem como matéria-prima da educação patrimonial.

Ao menos, do ponto de vista das formas mais expressivas e com intuito de localizar ações de educação patrimonial em Belém, fez-se um recorte espacial que compreende os bairros Cidade Velha, Campina, Batista Campos, Nazaré, Reduto e São Braz, pois estes são onde ocorrem ações mais expressivas ligadas ao patrimônio, conforme se vê na figura 3:



FIGURA 3: mapa de localização dos bairros onde ocorrem as ações de educação patrimonial em Belém-PA.

A Figura 3 apresenta alguns bairros da cidade de Belém e seus respectivos limites. Dentre eles, estão os bairros onde ocorrem ações de educação patrimonial. A escolha desses bairros se deu após um levantamento das iniciativas promovidas por associações de bairro e grupo de pesquisadores interessados no patrimônio de Belém, em parceria com Iphan-PA, entre os anos de 2009 a 2013, já que esta é a principal instituição responsável pela defesa,

proteção e conservação patrimonial das cidades brasileiras, em específico, da cidade de Belém-PA.

Os bairros Cidade Velha e Campina correspondem ao núcleo inicial de formação da cidade, abrigam formas espaciais que vão desde o século XVI aos dias atuais. Além de hábitos, costumes e histórias moldadas anterior e posteriormente à colonização e fundação de Belém, tais características fazem destes bairros palco de diversas atividades culturais, políticas, ambientais, folclóricas e de ações voltadas para a educação patrimonial. O bairro Cidade Velha tem a marca da colonização da Amazônia em suas edificações e no traçado das ruas e avenidas, sendo fortemente explorado pelo turismo. Já o bairro Campina é marcado pela presença do comércio formal e informal.

Os bairros Reduto, Nazaré, Batista Campos e São Braz fazem parte da primeira área de expansão da cidade, onde os processos de verticalização e modernização são evidenciados. Segundo Oliveira et al (2005), a verticalização em Belém se origina ainda na década de 1940, na área central, seguindo o modo de ocupação da cidade: nas áreas com altas cotas altimétricas e mais valorizadas. Tais áreas eram valorizadas pelas edificações associadas ao ciclo da borracha, como o Teatro da Paz, o Cine Olympia, o Grande Hotel – ambos situados nos dois primeiros bairros aqui apresentados. Eles surgem, inicialmente, na Av. Presidente Vargas, na década de 1940, porque a área apresentava condições estratégicas: era alta, de fácil acesso ao porto (pela via que hoje é a Avenida Serzedelo Corrêa), ligava a atual Avenida Nazaré (situada no bairro Nazaré) à antiga Estrada do Utinga. Passavam linhas dos bondes que davam acesso à estação da Estrada de Ferro de Belém-Bragança (OLIVEIRA et al, 2005). Era também na Av. Presidente Vargas que estavam os principais hotéis da cidade, bares, quiosques, cafés e restaurantes.

Ainda de acordo com Oliveira (et. al. 2005), é na década de 1950 que os bairros Reduto, Nazaré, Batista Campos e São Braz começam a apresentar o processo de verticalização, em decorrência do aumento populacional e ampliação da malha urbana, partindo da Av. Presidente Vargas e se expandindo para os bairros de Batista Campos e Nazaré, permanecendo ainda na área central da cidade de Belém. No começo dos anos 1960, as praças eram utilizadas como o principal atrativo de lazer, o que proporcionou o crescimento vertical em torno da Praça Batista Campos e da República, por exemplo. Os bairros Reduto, Batista Campos, Nazaré e São Braz apresentam ações de educação patrimonial referentes ao uso e apropriação de edificações remanescentes dos séculos XIX e XX por estarem próximos ao primeiro núcleo urbano de Belém.

Em geral, as ações de educação patrimonial são promovidas por associações que buscam trabalhar o patrimônio percebendo a sua dimensão política, isto é, a centralidade das preocupações referente ao patrimônio (proteção, valorização, conservação) apresenta não somente anseios simbólicos, mas sim concretos.

A partir do levantamento documental das ações patrimoniais de caráter educativo disponibilizado pelo Iphan-PA, foi possível identificar iniciativas começadas na década de 1990. A primeira ação registrada pela instituição aconteceu em 1992, intitulada “A estrutura do IBPC” (Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural) e sua política de preservação, cujo objetivo era apresentar para a sociedade e instituições locais a missão e modo de atuação do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural. Posteriormente, as ações se deram por meio de palestras e exposições que procuravam: a) Ressaltar a importância do Patrimônio Cultural; b) Avaliar a situação do patrimônio vinculado ao mercado cultural brasileiro; c) Estabelecer novas formas de participação da iniciativa privada e da comunidade; d) Aproximar o Iphan da comunidade; e) Elaborar atividades educativas em escolas públicas e privadas; f) Incorporar a noção de Cidadania; g) Formar educadores por meio de seminários e cursos cujo o foco era a educação patrimonial em Belém e outros municípios do estado.

Conforme o que se viu na figura 3, o mapa onde se localizam as ações voltadas para a educação patrimonial, notadamente, indica a área central de Belém. No entanto, a maior incidência de monumentos históricos relacionados ao período da *Belle Époque* está no bairro da Campina, onde, por sua vez, se realiza o roteiro geo-turístico com o mesmo nome do período citado.

4. Percorrendo a Belém da *Belle Époque* a partir dos roteiros geo-turísticos

O percurso do roteiro geo-turístico da Belle Époque contempla 11 pontos diretamente ligados à história desse período e se circunscreve, majoritariamente, à explicação do patrimônio erguido, sendo este dividido em prédios públicos e privados. Notadamente, o roteiro se concentra no bairro da Campina, conforme se vê no mapa seguinte, figura 4:

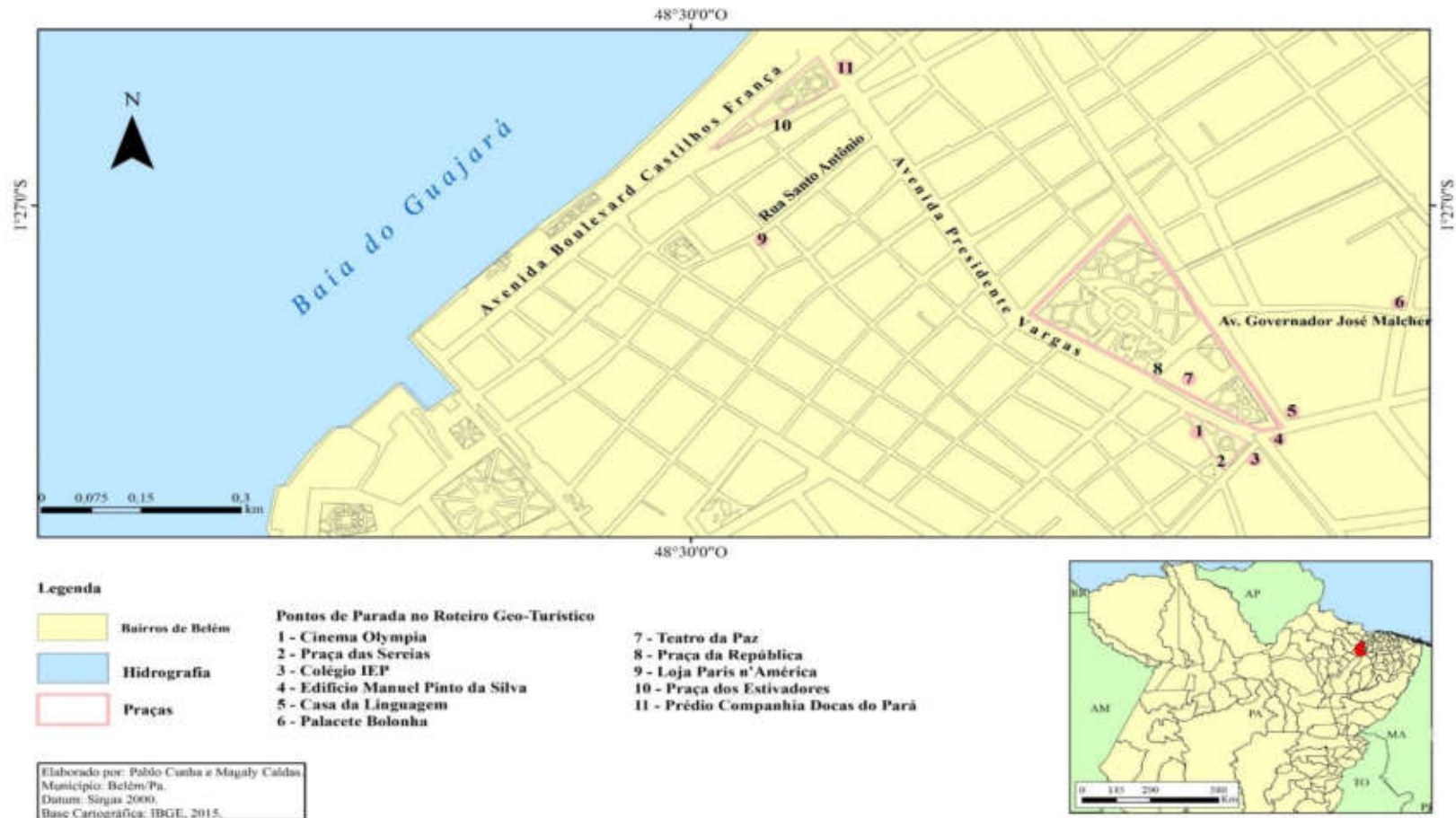


FIGURA 4: pontos de ocorrência do roteiro geo-turístico da *Belle-Époque*, em Belém do Pará.

O primeiro ponto do roteiro diz respeito ao Cine *Olympia*, considerado o cinema mais antigo do Brasil em funcionamento. Este prédio tem inauguração em 1912, fundado por Antônio Martins e Carlos Augusto Teixeira em pleno período da *Belle Époque* (VERIANO, 1983). À época, este espaço simboliza o glamour da elite belenense e se tornou uma das principais referências de lazer da cidade e da região. Sua arquitetura respondia pelo contexto da época, caracterizada, principalmente por conter traços do Ecletismo, estilo arquitetônico que correspondia à expressão ideológica, estética e técnica da modernização exigida pela economia gomífera da borracha, mas que, se manteve pelos anos posteriores (CARNEIRO, 2011). O cinema *Olympia* tinha capacidade para concentrar 400 poltronas, 10 ventiladores, 6 portas e 14 janelas abertas distribuídas nas paredes laterais da edificação (CARNEIRO, 2011). Sua localização também é caracterizada por estar nas proximidades da Praça da República, outro local de referência de lazer e encontro da cidade. Ambos se concentram no bairro da Campina, espaço, por excelência, que reuniu a maior quantidade de obras construídas na *Belle Époque*.

A importância de se tratar o Cine *Olympia* como um ponto do roteiro está muito mais afeita à ideia de um espaço de resistência (figuras 5 e 6). Com a chegada das salas de cinema no interior dos *shoppings centers* em Belém, cada vez mais os cinemas de rua foram perdendo vez e prestígio, dado que os argumentos de segurança para as pessoas, bem como as comodidades de demais serviços (estacionamento para veículos padronizados, acústica moderna, conforto de cadeiras entre outros) passaram a figurar no imaginário dos usuários de cinemas. No entanto, o Cine *Olympia* tem uma função histórico-patrimonial fundamental no reconhecimento da história da *Belle Époque*. Se antes, o cinema era um espaço típico das elites endinheiradas, hoje, ele se torna mais acessível à população em geral, ampliando, o acesso, mesmo sobrevivendo às crises econômicas (VERIANO, 1983).



FIGURA 5: Cinema Olympia – perspectiva frontal e lateral. Fonte: <<http://www.somostodosedmilson.blogspot.com.br>>. Acesso em 8/02/2017.

A ideia de construir o cinema era atrair os frequentadores do Teatro da Paz e do Grande Hotel (um dos principais hotéis da cidade daquela época). Como o raio de distância entre o Teatro da Paz, Grande Hotel e Cinema Olympia se dá ainda hoje em pouca extensão, a sugestão era de concentrar as atividades de lazer daquela época para os visitantes de Belém e para os que assim desejassem usufruir desses espaços de entretenimento urbano.



FIGURA 6: Cinema Olympia nos dias de hoje. Fachada e lateral do prédio. Fonte: <http://www.somostodosedmilson.blogspot.com.br>. Acesso em 8/02/2017.

O segundo ponto de parada do roteiro é a Praça da Sereia (figura 7). Ponto estratégico que fica no entorno do Cine Olympia, a antiga Escola Normal, o edifício Manoel Pinto da Silva e a Casa da Linguagem. Todos esses espaços circundam a referida praça e possuem especificidades distintas. A Praça da Sereia se resume em um pequeno espaço expressões do

Art Nouveau com a presença do chafariz de ferro. Na atualidade, a praça é um espaço de passagem. Devido ao fluxo intenso de pessoas ao Centro de Belém, a praça não é identificada como espaço de identidade pelos belenenses. A presença de bancas de revistas e ambulantes é mais expressiva, sendo esse o principal uso dessa praça, causando uma espécie de invisibilidade do objeto (GOMES, 2013).



FIGURA 7: Praça da Sereia. Fonte: <<http://wikimapia.org>>. Acesso em 4/4/2017.

No mesmo entorno da Praça, o antigo Instituto de Educação do Pará (IEP) também teve importante participação na história da cidade, se tornando um dos elementos destacáveis do roteiro. Na figura 7, percebe-se, ligeiramente, o prédio ao fundo do chafariz da Praça da Sereia, identificando o referido prédio que no último quarto do século XIX era setor do jornal *A Província do Pará*. Esse veículo de comunicação teve destaque regional por não se ater à monarquia brasileira da época, ao se difundir, por exemplo, ideias abolicionistas e, principalmente, republicanas (ROCQUE, 1996), o que chamou a atenção do intendente Antonio Lemos.

O roteiro da *Belle Époque* segue seu trajeto em direção à Vila Bolonha, onde se destaca o Palacete Bolonha (Figura 8). A parada em frente a este prédio se deve pela mudança no estilo arquitetônico das construções da época. Além disso, marca uma nova urbanização de Belém, na qual as famílias economicamente e financeiramente mais poderosas possuíam condições de mostrar seu poder econômico por meio de uma arquitetura diferenciada na cidade. Essas casas se localizavam, justamente, no centro da cidade, área estratégica dos grandes fluxos de pessoas e mercadorias daquela época. Segundo Lobato (2007), o palacete Bolonha é representativo do movimento eclético da arquitetura, reunindo os estilos: neoclássico, barroco, *art-nouveau* e rococó, algo, portanto, que representava a modernidade. Esse prédio é mais um exemplo notório de como a

rugosidade espacial é operada. Se antes, ele representava o luxo e as posses patrimoniais de uma família abastada, hoje ele serve para usos de diferentes qualidades, exercidos por diferentes pessoas de classes sociais diversas. Grupos de idosos são os que mais frequentam esse espaço:

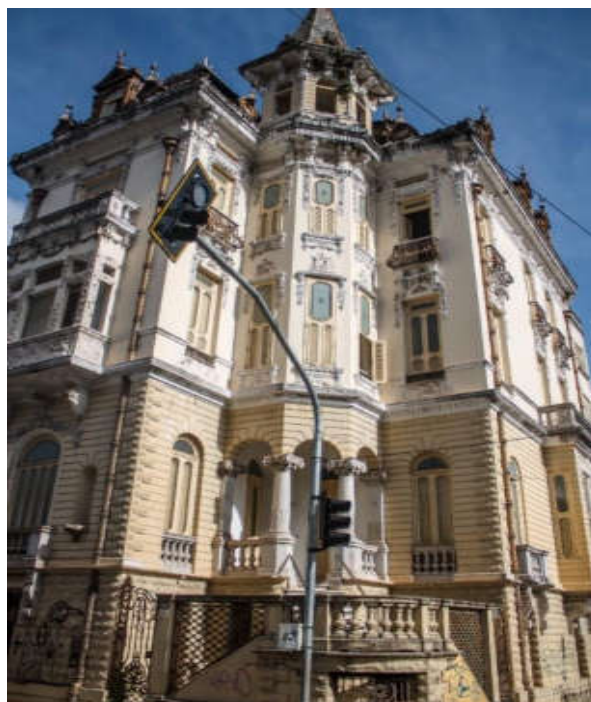


FIGURA 8: Palacete Bolonha. Fonte: BATISTA, Thiago, 2017.

De acordo com Lobato (2007), ao lado do palacete Bolonha, o engenheiro construiu um conjunto de casas residenciais, a Vila Bolonha (Figura 9). Foi pensada para abrigar os operários e empregados do palacete, sua decoração remete às construções inglesas por conta do alinhamento da paisagem. Os principais elementos da fachada são: os parapeitos em ferro fundido, com monograma “FB” do proprietário ao centro; destaca-se o revestimento em relevo com bossagem em massa ao redor das janelas e entre as casas; os gradis em ferro fundido coroam as platibandas. O conjunto da Vila e linear e as casas são geminadas, algo muito típico da influência portuguesa desde o processo de colonização



FIGURA 9: Vila Bolonha. Fonte: BATISTA, Thiago, 2017.

A quarta parada do roteiro é na Praça da República, cujo nome faz referência à proclamação da república brasileira. Em 1897, a partir de um concurso proposto pelo então Governador Justo Chermont, foi erguida uma estátua (Figura 10) em comemoração ao regime republicano no Brasil. O monumento elaborado por Emílio De Lorenzi e Michele Sansebastiano, consiste numa mulher com um ramo de oliveira na mão, simbolizando a paz; existe também um gênio alado montado num leão, representando a força, segurando um estandarte gritando “Liberdade”; há ainda uma segunda mulher que, apoiada em um gênio, carrega um grande livro que possui a data da proclamação da república; outros dois gênios são representados carregando nas mãos duas tarjas escritas “probidade” e “união”. O monumento é feito de mármore e bronze medindo cerca de 20 metros de altura.

O contexto de surgimento da Praça da República coincide ao período no qual o estado do Pará adere àquele movimento, sendo o último estado a configurar a adesão ao novo regime político por qual passara o Brasil, no final do século XIX.



FIGURA 10: Estátua em homenagem à Proclamação da República localizada no centro da Praça da República. Fonte: BATISTA, Thiago, 2017.

No que diz respeito à dinâmica social evidenciada na Praça da República, destaca-se a diversidade de agentes que usam a praça, de forma frequente. Este espaço é eleito como um dos pontos do roteiro de forma estratégica. É na praça que o belenense costuma reproduzir seus momentos de lazer, principalmente aos domingos – ápice da convergência de pessoas -. Na praça, há o que Souza (1995) chama de territorialidade cíclica, para demarcar a forma pela qual os diversos grupos sociais se apropriam do território, de acordo com suas respectivas finalidades, em temporalidades diferentes e, ao mesmo tempo, coexistentes. É nesse momento, também, que uma ideia de turismo alternativo ganha mais peso, pois, sendo a praça um espaço democrático, não há barreiras quanto à acessibilidade por parte daqueles que se identificam com esse tipo de lazer urbano. A praça, assim, se configura como um autêntico espaço de convergência de turistas domésticos e não domésticos.

A Praça da República sempre foi um local estratégico, ora como delimitação de fronteira entre os bairros, ora fazendo parte do circuito de lazer, além de expressar um dos primeiros locais de verticalização da cidade. Sua centralidade se expressa de duas formas:

uma pela via político-administrativa, outra pelo caráter simbólico que ela possui ao encontrar diversas manifestações que ela possui.

Ainda na Praça da República, localiza-se outro ponto do roteiro, o Teatro da Paz (figura 11), construídos entre anos de 1869 e 1874, e inaugurado em 16 de fevereiro de 1878 (SOUZA, 2009). O teatro está intimamente relacionado à imagem de cidade moderna construída no início do século XX criada em Belém, compondo o circuito de lazer direcionado aos barões da borracha e empresários interessados nos investimentos econômicos da capital. Junto ao Teatro da Paz foi construído um quiosque intitulado Bar do Parque, originalmente, bilheteria do teatro.

O Teatro da Paz, provavelmente, é um dos momentos mais significativos do roteiro por permitir a associação da educação patrimonial como instrumento de valorização do patrimônio de Belém e, ao mesmo tempo, é o momento em que a relação entre a geografia e história se torna mais consolidada, havendo uma compreensão de como esses monumentos eram estratégicos e representativos de uma elite dominante daquela época. A ideia, por sua vez, era a de tentar reproduzir um *status quo* europeu nos trópicos, trazendo a suntuosidade à Belém que havia no continente europeu.

O Teatro da Paz ainda é muito utilizado para fins específicos relacionados à promoção da cultura paraense, sobretudo, a que está concentrada na capital do estado. Festivais internacionais de dança, ópera, bem como peças teatrais fazem com que o teatro não perca a finalidade específica para a qual foi concebido. No entanto, ainda há de se constatar que o acesso ao Teatro do Paz não é feito de forma a atender à diversidade da população paraense. Nesse sentido, ele conserva uma prática feita desde seu princípio, qual seja a de ser impenetrável às castas mais populares da sociedade e permeável àqueles que possuem condições para pagar por um lazer diferenciado:



FIGURA 11: Teatro da Paz. Fonte: BATISTA, Thiago, 2017.

Outra edificação construída durante a *Belle Époque* em Belém foi o Grande Hotel, cujo papel dentro do circuito social e cultural era hospedar a elite que vinha conhecer a cidade e a Amazônia, além de apresentar alguns espetáculos musicais. A edificação original do Grande Hotel foi demolida no final da década 1970, dando lugar ao Hotel Hilton, da rede Hilton Hotéis. Atualmente, localiza-se o hotel Princesa Louçã (figuras 12 e 13):



FIGURA 12: Fachada do antigo Grande Hotel. Fonte: <http://blogflanar.blogspot.com.br/2012/10/garimpendo-belem-de-outrora.html>. Acesso em 18/04/2017.



FIGURA 13: Foto do Hotel Hilton Belém/ Princesa Louçã. Fonte: <<https://beirouth.files.wordpress.com>>. Acesso em 18/04/2017.

O próximo ponto que o roteiro aborda é a Avenida Presidente Vargas (figura 14). No período da colonização portuguesa a via recebeu o nome de Travessa dos Mirandas, em homenagem a família Miranda que na via residia. Em alusão à adesão do Pará à independência da República a via foi denominada de Avenida 15 de Agosto. Durante a *Belle Époque*, com a política de restauração do cenário amazônico, a avenida recebeu infraestrutura urbana, como calçamento, iluminação, arborização e linhas de bonde. Junto ao embelezamento da avenida, foi construído, segundo Cruz (1970, 1973), o quiosque *I Life*, hoje conhecido como Bar do Parque, com intuito de vender produtos a retalho, como café, charutarias e revistas. Posteriormente, a avenida recebe o nome Presidente Vargas em homenagem ao político presidente (CRUZ, 1970). A Avenida Presidente Vargas também se torna um ponto chave na explicação do roteiro porque é um dos espaços de passagem do Círio de Nazaré, a principal atividade religiosa do Norte do país, considerado, por sua vez, o momento em que há a maior concentração de turistas externos à Belém.

Até meados da década de 1990, a Avenida Presidente Vargas foi considerada o principal corredor do comércio e serviços da capital paraense. O intenso fluxo de pessoas e mercadorias começou a ser alterado com a chegada dos Shoppings Centers em outros eixos

da cidade, bem como do processo de dispersão da metrópole em direção a outras frações da cidade (TRINDADE JR., 2016), recharacterizando a cidade de Belém em sua totalidade.



FIGURA 14: Av. Presidente Vargas, em Belém do Pará quando da ocorrência do Círio de Nazaré. Fonte: <<http://skycrapercity.com>>. Acesso em 18/04/2017.

No transcorrer do percurso da Avenida Presidente Vargas, a gastronomia paraense se torna um dos temas relacionados à geografia do turismo. Aborda-se a influência das culturas indígena, portuguesa e africana na culinária paraense. Considerada uma das mais autênticas cozinhas regionais brasileiras, na gastronomia paraense há elementos característicos como a localização geográfica, que por muito tempo impediu a chegada de produtos estrangeiros, e as condições climáticas, que impossibilitaram o cultivo de alguns produtos originários de outras regiões. Ao mesmo tempo em que o produto gomífero era difundido mundo afora, a culinária paraense resistira às influências europeias, de certo modo.

A rua Santo Antônio também é explorada neste roteiro por ser uma das principais vias onde a comercialização de produtos importados luxuosos se deu durante a *Belle Époque* em Belém. Aberto com a intenção de ligar igreja de Santo Antônio ao primeiro núcleo urbano de Belém, o então bairro da Cidade (hoje o bairro Cidade Velha, figura 2), o caminho de Santo Antônio foi essencial para a expansão da malha urbana de Belém para além do igarapé do Piry (onde hoje está a Doca do Ver-o-peso). A ocupação do bairro Campina e do caminho de Santo Antônio se intensificam a partir da instalação da Igreja e Convento dos Mercedários às margens da baía do Guajará que, aliados à feira do Ver-o-peso, funcionavam como um ponto atrativo ao bairro já em formação. Durante a *Belle Époque*, a via foi denominada de

Rua Santo Antônio, por ser umas das principais vias de ligação entre o então bairro da Cidade e o bairro Campina. Nela, foram instaladas diversas lojas ligadas à comercialização de produtos luxuosos que atendiam a elite da borracha. Uma das lojas icônicas presentes na Rua Santo Antônio que reflete o contato cultural com cidades europeias, principalmente Paris, como indica Freitas (2001): “Essa ligação com Paris era marcante nas roupas, produtos consumidos (muitos deles vindos da capital francesa), padrões estéticos da arquitetura eclética e da *art nouveau*”. (FREITAS, 2001, p.121).

A loja Paris n’América (figura 15) vendia artigos de luxo e está localizada, exatamente, na Rua Santo Antônio. Considerada um símbolo de referência da *Belle Époque* em Belém, sua fachada de estilo eclético é de pedra importada da Europa, podendo-se destacar as mansardas francesas e os traços clássicos. Em seu interior, predomina o estilo *Art Nouveau* com traçados elegantes e requintados, dentro do prédio há preciosidades como o lustre de cristal e os modelos que antes faziam desfiles, além de encontrar a escada curvada e as colunas, ambas feitas em ferro, o que caracteriza não só a época como também a edificação. Vale ressaltar as pinturas no interior do prédio que causa a impressão de que ele é feito de madeira. Se antes a Paris n’América possuía um destaque ou referência do ponto de vista arquitetônico e comercial, hoje isso se restringe à sua forma. A entrada maciça de produtos estrangeiros, notadamente os chineses, fizeram com que a loja enfrentasse forte concorrência comercial. No entanto, a resistência da forma, do conteúdo e de sua estrutura são, também, elementos constituintes do tempo presente:



FIGURA 15: Loja Paris n’América. Fonte: BATISTA, Thiago, 2017.

Ainda sobre as transformações espaciais da Rua Santo Antônio, é importante falar do sistema de viação pública por meio de bondes elétricos inaugurado em 15 de agosto de 1907 (SARGES, 2002). Segundo esta autora, os bondes elétricos “surgiram em razão da necessidade de articulação do mercado mundial e, no caso de Belém, essa invenção surgiu também como uma necessidade básica de uma cidade que se ampliava e se dinamizava” (SARGES, 2002, p. 169), os veículos também refletiam o projeto político elitista de Lemos, diferenciando-se em dois modelos: os bondes de luxo e os bondes de passageiros e carga.

A penúltima parada do roteiro é na praça dos Estivadores - cujo nome homenageia os trabalhadores ligados ao ramo da estiva - onde se chama atenção para o prédio construído para a Cia. *Port of Para*, mais tarde passa a ser administrado pelo Serviço de Navegação na Amazônia e Administração do Porto do Pará - SNAPP, hoje Companhia das Docas do Pará - CDP. Uma das explicações dadas pelos integrantes do Roteiro se refere ao uso comercial de edificações tombadas e de uso da iniciativa privada, formando, assim, a paisagem do entorno da praça (figura 16). A praça é um dos símbolos do urbanismo moderno que Belém passou a ter no limiar do século XX. Atualmente, a praça é um autêntico espaço de passagem das pessoas, com a presença de transeuntes e moradores de rua. Periodicamente, ganha notoriedade com a homenagem que os estivadores concedem quando a imagem da Santa Nazaré passa pelo local.



FIGURA 16: Praça dos Estivadores. Centro Comercial de Belém. Fonte: Disponível em: <<http://www.panoramio.com>>. Acesso em 19/04/2017.

O percurso completo do roteiro da *Belle Époque* termina na Avenida Bulevar Castilhos França, via esta que dá acesso à área central de Belém, onde se encontram importantes espaços da reprodução da atividade turística, comercial, bem como a presença

das edificações mais antigas de Belém, constituintes de um cinturão patrimonial quadricentenário da cidade. Ao fim do trajeto completo, o referido roteiro destaca o peso histórico, patrimonial, urbanístico e geográfico que a *Belle Époque* deixou como legado para cidade e para a porção setentrional do Brasil.

5. Considerações Finais

O período da *Belle Époque* pode ser considerado como sendo um divisor de águas na urbanização da Amazônia, sendo a cidade de Belém seu principal expoente. A atividade gomífera da borracha foi o principal motivo de ordem econômica que contribuiu para que a cidade tivesse acúmulo de riqueza e, ao mesmo tempo, fizesse com que as pessoas experimentassem os resultados econômicos daquela atividade produtiva, seja do ponto de vista daqueles que possuíam condições materiais ou não.

Uma das marcas expressivas da *Belle Époque* foi o legado patrimonial, motivo este que leva a ser elaborado um roteiro. Em Belém, a área central da cidade é o espaço que reúne a maior quantidade de monumentos destinados a esse período, sendo o bairro da Campina, o que possui mais edificações.

O roteiro geo-turístico é uma estratégia de educação patrimonial em uma das cidades mais importantes do território brasileiro na sua porção setentrional. Por meio dele, o reconhecimento da história, geografia e cultura são viabilizados nas caminhadas, marcando, por sua vez, uma das principais características desse trabalho, qual seja o de popularizar a imagem de uma atividade socioeconômica elitizada: o turismo. Por esse motivo, uma concepção alternativa baseada em um turismo de base local se impõe e se torna norteadora na composição do roteiro.

As histórias dos monumentos da *Belle Époque* são reveladas com a presença de bolsistas de iniciação científica e feitas de forma gratuita, ampliando-se, assim, o conhecimento dos espaços, que, na atualidade da vida metropolitana de Belém, são incorporados de forma automática e sem a devida relevância.

Por fim, a atividade dos roteiros é uma forma de provocar a atenção de autoridades e das comunidades de moradores e interessados no patrimônio. Por esse instrumento, mostra-se que é possível articular o conhecimento alimentado, debatido e produzido na academia com a história viva da cidade, sem que, para isso, se possa utilizar de grandes volumes de recursos públicos.

Referências

BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, A.; LASH, S.; BECK, U. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2012, p. 11-88.

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido se desmancha o ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

Boulevard Castilhos França – Pará. 1 fotografia, p&b, 1024 x 626cm. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com>. Acesso em 2 de fevereiro de 2017.

CARNEIRO, E. **Belém entre filmes e fitas: a experiência do cinema, do cotidiano das salas às representações sociais nos anos de 1920**. 2011. 192 f.: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2011.

CHOAY, F. **A Alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/ Editora UNESP, 2001.

CORRÊA, R. **Região e organização espacial**. 8. ed. São Paulo: Ática (Princípios).

CRUZ, E. **Histórias de Belém**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973. v.1. (Amazônica. José Veríssimo).

_____. **Ruas de Belém: significado histórico e suas denominações**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

FREITAS, A. **O patrimônio e a encenação das identidades: uma política cultural identitária no Pará (1995-2006)**. Políticas Culturais em Revista, v. 4, 2001, p. 103-121.

Grande Hotel, av. Pres. Vargas 882 / Acervo. 1 fotografia, p&b, 755 x 490cm. Disponível em: <<http://blogflanar.blogspot.com.br/2012/10/garimpendo-belem-de-outrora.html>>. Acesso em 18/04/2017.

GOMES, Paulo. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HARVEY, D. **Diecisiete contradicciones y el fin del capitalismo**. Quito: Editorial IAEN, 2014.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; Educação Patrimonial. In: CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA SOBRE A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1991, São Paulo. **Conferência Latino-Americana sobre a Preservação do Patrimônio Cultural**, 1991.

HORTA, M.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

Hotel Hilton. 1 fotografia, color., 640 x 430cm. Disponível em: <https://beirouth.files.wordpress.com>. Acesso em 18/04/2017.

NIGRO, C. As dimensões culturais e simbólicas nos estudos geográficos: bases e especificidades da relação entre patrimônio cultural e geografia. In: PAES, M.; OLIVEIRA, M. (Orgs.). **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2009, p. 55-80.

IPHAN. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: DAF/Cogedip/Ceduc, 2014. Disponível em: <http://www.Iphan.gov.br>. Acesso em 28 de junho de 2016.

LOBATO, C.; ARRUDA, E.; RAMOS, A. **Palacete bolonha: uma promessa de amor**. Belém: Ed. da UFPA, 2007.

OLIVEIRA, J. et al. A verticalização em Belém-Pará, Brasil, nos últimos trinta anos: a produção de espaços segregados e as transformações socioambientais. **Anais**. X Encontro de Geógrafos da América Latina, USP, 2005.

PAES, M. **Apresentação**. In: PAES, M.; OLIVEIRA, M. (Orgs.). **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2009, p. 13-32.

Praça da sereia - Belém. 1 fotografia, color., 640 x 480cm. Disponível em: <http://wikimapia.org>. Acesso em 4/4/2017.

ROCQUE, C. **Lemos e sua época: história política do Pará**. 2.ed. Belém: Cejup, 1996.

RODRIGUES, A. Patrimônio, território e empreendedorismo: pilares do desenvolvimento do turismo com base local. **Aportes y transferências**, n. 7, vol. 2, 2003, p.11-40.

SÁ, O. **Praça dos estivadores**. 2008. 1 fotografia, color. Disponível em: <http://www.panoramio.com>. Acesso em 19/04/2017.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SARGES, M. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2002 (Açaí).

SILVA, P.; ÁVILA, S. Prefácio. In: V simpósio capixaba de memória institucional. **Anais**, 2016. Vitória: Ministério Público do estado do Espírito Santo, 2016, p. 5-8.

SERRA, H.; TAVARES, M. Belém, cidade quadricentenária: o patrimônio valorizado pelos roteiros geoturísticos. **Revista camões: Belém do Pará (1616-2016)**. Lisboa: Instituto Camões / Revista de letras e culturas lusófonas. n. 25, 2016, p. 71-78.

SOUZA, M. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I., GOMES, P., CORRÊA, R. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, Brasil, 1995.

SOUZA, R. **Histórias invisíveis do Teatro da Paz: da construção à primeira reforma**. Belém do Grão-Pará (1869-1890). 2009. 212 f.: Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, Mestrado em História Social, 2009.

Transladação do Av. Presidente Vargas. 2005. 1 fotografia, color., 334 x 500cm. Disponível em: <http://skycrapercity.com>. Acesso em 18/04/2017.

TRINDADE JÚNIO, S. **Formação metropolitana de Belém (1960-1997).** Belém: Paka-Tatu, 2016.

VERIANO, P. (Org.). **A crítica de cinema em Belém.** Belém: Secretaria de Estado da Cultura, Desportos e Turismo, 1983.

VERIANO, P. **Cinema Olympia Cinema no Tucupi, Secult/PA.** 1999. 1 álbum, várias fotografias, p&b e color., várias dimensões.